

EXPRESSÕES RELIGIOSAS E IDENTITÁRIAS NA AMAZÔNIA: UM DEBATE EM ABERTO

Religious and identity expressions in the amazon: An open debate

Diego Omar da Silveira¹

Donizete Rodrigues²

Vanda Pantoja³

RESUMO

O campo religioso amazônico (no sentido bourdieusiano) tem se transformado de maneira acentuada nas últimas décadas. A diminuição expressiva do número de católicos, com a consequente perda da hegemonia religiosa da Igreja Católica, o crescimento substancial do segmento evangélico, a valorização das religiões de matriz africana e a presença, cada vez mais marcante, de novos movimentos religiosos, exigem a multiplicação – a partir de diferentes perspectivas e em diversos campos disciplinares – de estudos sobre expressões religiosas e identitárias nesta complexa macrorregião. Este texto apresenta alguns dos eixos centrais desse debate, apontando importantes questões teóricas e empíricas retratadas pelos diferentes autores/as que contribuem no dossiê. Também convidamos os leitores/as a mergulhar no universo de cada artigo, para recuperar os modos pelos quais cada um reconstrói, a partir de problemáticas e recortes específicos, contextos que permitem compreender as práticas e representações, a complexidade e a dinamicidade, as transformações históricas e contemporâneas da vida religiosa na Amazônia.

Palavras-chave: Religiões; Identidades; Amazônia.

ABSTRACT

The Amazonian religious field (in the Bourdieusian sense) has undergone a remarkable transformation in recent decades. The expressive decrease in the number of Catholics, with the consequent loss of the religious hegemony of the Catholic Church, the substantial growth of the evangelical segment, the valorization of religions of African origin and the increasingly presence of new religious movements, demand the multiplication – from different perspectives

¹ Doutorando em Antropologia Social pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Professor da Universidade do Estado do Amazonas (UEA) e coordenador Regional Norte da Associação Brasileira de História das Religiões. E-mail: diegomarhistoria@yahoo.com.br; orcid.org/0000-0001-6835-3417.

² Doutor em Antropologia Social pela Universidade de Coimbra, com Livre-Docência em Sociologia. Pesquisador do Centro em Rede de Investigação em Antropologia (CRIA/Universidade Nova de Lisboa). Professor colaborador do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade do Estado do Pará. E-mail: donizeterodrigues@fch.unl.pt; orcid.org/0000-0002-2680-204X.

³ Doutora em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Pará. Professora Associada da Universidade Federal do Maranhão (UFMA) – Centro de Ciências Sociais Saúde e Tecnologia (CCSST) e Programa de Pós-Graduação em Sociologia (PPGS). E-mail: vanda.pantoja@ufma.br; orcid.org/0000-0002-4741-2155.

and in different disciplinary fields – of studies on religious and identity expressions in this complex macro-region. This introduction presents some of the central ideas of this debate, pointing out important theoretical and empirical issues portrayed by the different authors of the dossier. We invite the readers to discover each text, to perceive the ways in which each one reconstructs, from specific issues and extracts, contexts that allow understanding the practices and representations, the complexity and the dynamics, the historical and contemporary transformations of religious life in the Amazon.

Keywords: Religions; Identities; Amazon.

As expressões religiosas e identitárias na Amazônia continuam em ebulição. Aliás, como tudo nesse território – que é também fronteira para o Estado e para o capital –, elas são elementos que motivam disputas, por narrativa e legitimidade. Elas falam tanto sobre o passado colonial quanto sobre os projetos de futuro. Estão nos púlpitos e nos palanques, no pátio das aldeias e nos programas de televisão, nas cores que pintam um cenário idílico (como nas descrições dos viajantes) e nas disputas por território. Daí a necessidade de recuperar tanto elementos da história quanto a dinamicidades dos processos atuais. A necessidade de recorrer também a diversos recortes temáticos e cronológicos, bem como a diferentes perspectivas teórico-metodológicas e a vários campos disciplinares.

Difícil definir um território – que é grande e de fronteiras extremamente porosas – e mais complicado ainda reduzir seu povo a um tipo social específico. Apenas para ficar na Amazônia brasileira, falamos pelo menos de uma porção oriental, composta pelos estados do Pará, Amapá, Tocantins e parte do Maranhão e do Mato Grosso e de uma parte ocidental, onde estão hoje o Amazonas, Roraima, Rondônia e Acre. Nas margens, estão várias outras nações latino-americanas, que mantêm com a Amazônia mais que divisas políticas, intensas trocas culturais.

Do ponto de vista antropológico, nela se distribuem os principais grupos étnicos e socioculturais que formam o povo brasileiro: 1) os diversos povos indígenas; 2) o europeu (miscigenado, e não totalmente branco), que nos primeiros séculos compunham um contingente português e espanhol, católico; 3) os variados grupos étnicos de origem africana, que foram escravizados; 4) outros grupos imigrantes brancos, vindos tanto do Velho Mundo quanto da América do Norte – muitos deles de base protestante; e 5) os asiáticos, com destaque para a comunidade japonesa. Vale ainda mencionar a contribuição de judeus e sírio-libaneses, além

de enormes contingentes de brasileiros vindos de outras regiões em várias ondas migratórias ao longo de todo o século XX (ver BENCHIMOL, 2009).

Um espaço marcado, portanto, por encontros e desencontros; por um rico processo de miscigenação, mas também por inúmeros conflitos que se desdobram no tempo e que continuam a suscitar muitas questões, tanto para os que lutam pela preservação da maior floresta tropical do planeta quanto para os que almejam encontrar os caminhos do desenvolvimento (cf. RIBEIRO, 2014). Um lugar marcado por saberes e crenças ancestrais, mas igualmente pela forte influência cristã plantada desde os primeiros momentos da conquista e no qual também novas/outras religiões se “difundem e proliferam” (MAUÉS, 1999, p. 21), sempre agregando novos/outros elementos às práticas e representações mais tradicionais.

Esse processo de modernização, tal como em outros campos da vida, tem afetado as crenças e filiações religiosas dos homens e mulheres do Norte do país de forma mais ou menos profunda. Os vetores não são muito distintos daqueles que caracterizam as outras regiões, mas tem suas singularidades. Os dados estatísticos produzidos pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), por exemplo, têm demonstrado que “o período de 1980 a 2000 se caracteriza por um amplo movimento de diversificação religiosa, ligado à redução drástica do número de católicos, a um forte aumento do número de evangélicos, principalmente dos pentecostais, e a um expressivo crescimento das pessoas sem religião” (JACOB et. al., 2003, p. 33). Essa tendência foi confirmada também pelo Censo de 2010, que situa os estados da Região Norte entre aqueles em que há maior queda percentual de católicos. O diferencial é que não há um correspondente aumento dos que se declaram sem religião (JACOB et. al., 2013).

No conjunto, esses dois movimentos sugerem uma progressiva pluralização e desinstitucionalização das adesões religiosas, tendo em vista a disputa mais acirrada pelo controle do mercado de bens simbólicos (HERVIEU-LÉGER, 2008; PIERUCCI, 2004, 2012), acompanhada de um processo de secularização que avança na Amazônia de maneira muito mais lenta do que nos outros estados do país. Segundo o *Novo Mapa das Religiões no Brasil* (NERI, 2011), produzido pela Fundação Getúlio Vargas (FGV), Roraima, Rondônia e Acre estão entre os 4 estados menos católicos da federação. Em contraposição, o Amazonas é o 26º estado no ranking dos sem-religião. No mesmo quadro, Amazonas e Amapá são os últimos no ranking dos espiritualistas e figuram – junto com o Acre, Roraima e Pará – entre os que possuem menos de 1% da população afrorreligiosa.

Tabela I – Comparativo das religiões no Brasil e estados da Região Norte (Censo de 2010)

<i>Religião</i>	<i>BRA</i>	<i>NOR</i>	<i>RO</i>	<i>AC</i>	<i>AM</i>	<i>RR</i>	<i>PA</i>	<i>AP</i>	<i>TO</i>
<i>Católicos</i>	64,6	60,6	47,6	52,0	59,5	49,1	63,7	64,0	68,3
<i>Evangélicos</i>	22,1	28,5	33,8	32,7	31,2	30,3	26,7	28,0	23,0
<i>Outras Religiões</i>	4,9	2,7	3,6	3,0	2,7	7,1	2,4	1,9	2,3
<i>Sem Religião</i>	8,0	7,8	14,3	11,9	6,0	13,0	7,0	5,8	6,0
<i>Múltiplo Pertencimento</i>	0,3	0,3	0,4	0,3	0,1	0,3	0,2	0,3	0,3
<i>Não declararam</i>	0,1	0,1	0,3	0,1	0,5	0,2	-	-	0,1
<i>Total</i>	100	100	100	100	100	100	100	100	100

Baseado em dados dos Censos Demográficos (IBGE/ Banco de dados SIDRA). Os percentuais foram determinados por aproximação.

Obviamente que esses números não falam por si e precisam, em grande medida, ser contrastados com uma realidade social bastante diferenciada do que sugerem os dados oficiais e até mesmo com as formas pelas quais esses indicadores são produzidos (MENEZES; TEIXEIRA, 2006; 2013). Mas de qualquer forma, eles apontam os consensos produzidos e os jogos de força ainda existente, sobretudo quando se considera a hegemonia do catolicismo e o respaldo que a Igreja Católica continua recebendo dos estados e de seus governantes (o que tem implicado a afirmação constante de uma religião quase-oficial que dificulta enxergar e afirmar a diversidade) e a ausência de estudos mais refinados capazes de produzir um “novo estado da arte” sobre as dinâmicas mais atuais do campo religioso (BIANCHEZZI; SILVEIRA, 2015), de tal modo que se possa ir além de uma produção mais clássica que trabalhou ancorada na ideia de sincretismo (FERRETTI, 2013).

Essa já era a tese sustentada por André Vidal Araújo (2003) nos anos 1950, quando o autor via, tanto nas cidades quanto nos beiradões, um povo maciçamente católico distribuído pelos interiores da floresta, mas cuja fé também se adaptou à ausência do clero católico, a padrões de conduta pouco ortodoxos nas ocasiões festivas e a uma resistência (às vezes organizada) às normas da Igreja. O mesmo quadro é traçado um pouco mais tarde por Charles Wagley (1977) e por Eduardo Galvão (1953; 1976), que puderam observar no cotidiano das populações ribeirinhas uma mistura de elementos que compõem a fé cristã do colonizador europeu e as crenças das populações indígenas, com seus universos mitológicos permeados de seres mágicos. Os três autores citados também apontaram, em algum limite, para a chegada de

judeus, espíritas, protestantes (e demais “infiéis”, cf. VIDAL, 2003), mas não dedicam grande atenção à penetração desses “outros” no território.

Mais ou menos pela mesma época, a consolidação das obras sociais católicas na região e a criação de prelazias e dioceses acentuam ainda mais o “papel civilizador” da Igreja Católica entre os povos da Amazônia, tornando a diversidade religiosa ainda mais invisível. Apenas nas capitais, onde a cidade cresceu e se transformou rapidamente, a pluralização foi destacada com mais acuidade (JACOB et. al., 2006). A consolidação da Universidade e o estabelecimento dos Programas de Pós-Graduação nas capitais também propiciaram que, ali, os fenômenos de diversificação pudessem ser observados mais de perto por historiadores, antropólogos e sociólogos em formação. Mas ainda assim, é digno de nota o quanto as pesquisas sobre religiões e religiosidades têm avançado lentamente (cf. SILVEIRA, 2019a; 2019b). Com exceção do Pará e do Maranhão, não é possível localizar nenhuma linha de pesquisa entre os principais Programas de Pós-Graduação dos demais estados que dedique especial atenção às dinâmicas sociorreligiosas, subsumidas quase sempre nos debates sobre cultura e sociedade, tanto no campo da História quanto entre as Ciências Sociais. Mesmo com a pouca expressividade acadêmica que ainda têm na Amazônia, são os cursos de Teologia e de Ciências das Religiões que têm aberto caminho para pesquisa na área (SILVEIRA, 2020), o que sugere também um interesse crescente das igrejas, grupos e movimentos religiosos em estudos que ajudem a compreender melhor o campo religioso local, tendo em vista inclusive as novas estratégias de planejamento pastoral e missionário (cf. COSTA, 2002).

Conforme já sugerido anteriormente, “contornar essas limitações para ir além só é possível mediante um trabalho coletivo, que (...) vai nos oferecendo, no percurso, chances sempre novas de (re)construir nossos objetos e de descobrir e recriar suas bases sociais” (SILVEIRA, 2020b). Um movimento que nos leva “não apenas a compreender (olhar e reconhecer), mas também a atuar em prol da diversidade (igualmente da tolerância e do respeito)”, o que na Amazônia implica quase sempre em se contrapor aos poderes já consolidados e aos interesses dos grupos mais poderosos. Esse esforço tem um caráter mais epistêmico, voltado para a diversificação também das formas pelas quais as pesquisas são produzidas e socializadas e com uma progressiva sensibilização para o compromisso ético com as populações estudadas. Mas tem igualmente um caráter político, que é o de retirar da

invisibilidade inúmeros grupos até hoje marginalizados, seja na produção acadêmica ou na sua participação/atução social.

Etnografias e produtos audiovisuais, por exemplo, têm investido inclusive na ideia de autoria compartilhada, para ressaltar saberes/cosmologias nativas, outrora tratadas como parte do universo sincrético das práticas cristãs e apresentadas como produtos de um paulatino processo de colonização do imaginário (cf. VINCENT, 1992). Um movimento que leva a buscar novos conceitos e novos sujeitos (RODRIGUES; MORAES JR., 2018), que denotam os arranjos mais recentes e as reinvenções discursivas ainda em curso no campo das crenças e das práticas devocionais amazônicas.

Novos olhares que ressaltam diferentes apropriações da devoção a Nossa Senhora de Nazaré – padroeira da capital do Pará, Belém – em relação com grupos subalternos, que fazem a sua própria festa e que põem, de acordo com Cristian Sicsú (2020), o institucional em contato com o popular. Já que no turbilhão dos acontecimentos festivos se incorporaram ao ciclo ritual, muito para além do oficial, “o Auto do Círio, organizado pela Escola de Teatro Dança da Universidade Federal do Pará; a Festa da Chiquita, que reúne a comunidade homoafetiva belenense em frente ao Teatro da Paz; o Arrastão do Círio, movimento organizado por músicos com o objetivo de valorizar a musicalidade paraense”. A rica fusão que Isidoro Alves (1980) chamou com tanta propriedade de *Carnaval Devoto* e que certamente contribuiu para que o Círio de Nazaré fosse tornado patrimônio imaterial pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), em 2012.

Um movimento similar ao que ocorre em Parintins (AM) durante o Festival Folclórico, no qual os Bois-Bumbás – antes tomados apenas como elementos folclóricos nascidos da devoção aos santos juninos – são, hoje, disputados por diferentes grupos: católicos, afroreligiosos e até mesmo evangélicos, que de algum modo se inserem na festa, promovendo inclusive certas reelaborações discursivas sobre os usos religiosos dos espaços públicos (cf. SILVEIRA, 2020c; 2021). Ali, surge com em poucos outros espaços uma síntese criativa, na qual se fundem (ou pelo menos convivem) representações cristãs, afros e indígenas, seres e entidades do rio ou da floresta. Em meio a sonoridades que também repercutem esses universos simbólicos, aparecem em enormes alegorias santos e santas do catolicismo popular, “bichos visagentos” e encantados; mais recentemente, também as entidades dos terreiros locais, com um pouco de umbanda, de pajelança, de Daime... (ver MAUÉS; VILLACORTA, 2008). Quase

tudo perfeitamente reconhecido pela população da cidade e da região, que vai às Igrejas, mas também frequenta outros espaços de culto, integrando um diversificado calendário religioso anual.

Outros exemplos poderiam ser explorados aqui, como o do amplo leque de cristianismos presentes hoje nas cidades, comunidades e aldeias amazônicas. Eles extrapolam, e muito, o já rico panorama que nos foi apresentado no livro organizado por Eduardo Hoornaert (1992) há trinta anos. Primeiro, pela multiplicação de igrejas evangélicas na região, mas também em função dos diferentes tipos de atuação de padres e pastores, que permitem entrever diferentes relações entre religião e política (MARIZ, 2007; MALLIMACI, 2008). Alguns mais comprometidos com as lutas dos povos tradicionais e com a preservação ambiental – que redundaram no Sínodo para a Amazônia (PLANS, 2007). Outros bastante voltados para o proselitismo entre indígenas e ribeirinhos, em busca de fiéis e, às vezes, também de votos (vide o grande sucesso da campanha de Jair Bolsonaro e de seus apoiadores em cidades como Manaus e Porto Velho nas eleições de 2018).

Na impossibilidade de abordar todas as faces desse processo, o que almejávamos demonstrar, ainda que parcialmente, com esse dossiê é que novas identidades (BAUMAN, 2005) e novos usos do espaço público estão sendo experimentados pelos sujeitos e instituições religiosas na Amazônia. E que eles são, ao mesmo tempo, frutos de arranjos históricos (MONTES, 2012) e forças motrizes para novas transformações (BASTIAN, 1997). De certa forma, todos os textos publicados nesse número da revista *Relegens Thréskeia* repercutem esse nosso convite à reflexão. Eles ampliam nosso campo de estudos e exploram novas possibilidades e arranjos teórico-metodológicos. Dada a diversidade de locais de produção, também acentuam uma imagem plural da Amazônia e de suas gentes, derrocando a ideia de um território social e culturalmente homogêneo.

Começando pelos povos ameríndios, os autores Ramiro Batista, Daniel Miranda e Peti Gomes buscam compreender a existência de um sentido autóctone para patologias de fundo psíquico (“doença dos nervos”), bem como para as diferentes possibilidades de itinerários terapêuticos referentes ao fenômeno, também considerado de natureza espiritual. O artigo, intitulado “Do ato de ‘escutar os mortos com os olhos’: interfaces entre saúde, colonização religiosa e produção de sofrimento mental entre povos originários” parte dos arquivos autobiográficos e autoetnográficos produzidos por Koko Tavi – indígena Galibi Marworno,

territorializado em Oiapoque (AP) – e acaba por nos revelar um profícuo cruzamento entre saberes tradicionais e acadêmicos, bem como a importância da interdisciplinaridade nos estudos da religião na Amazônia.

Os dois textos seguintes abordam, por vieses distintos, o catolicismo na região Norte do país. Em “Desafios, conquista e limites para a evangelização da Prelazia de Tefé a partir das cartas de dom Mario na década de 1980”, Vogran Lelua Rodrigues dos Santos aborda o percurso entre o Documento de Santarém (redigido em 1972) e a realização do Sínodo para a Amazônia (2019). Sua fonte privilegiada são as cartas de Dom Mario Clemente Neto, prelado de Tefé (AM). Nelas, o autor busca enxergar as dificuldades e também os horizontes da Igreja na Amazônia, bem como os principais temas que guiam os documentos resultantes dos dois encontros para tratar da Amazônia – o primeiro visto como um pontapé e o segundo como a culminância de uma sensibilidade cada vez maior do catolicismo para temáticas como o meio ambiente e os povos originários.

Já em “Expressão de religiosidade popular: os festejos em honra a São Benedito de Gurupá no Bairro Perpétuo Socorro, Macapá” (AP), Aldeci da Silva Dias e Marcos Vinicius de Freitas Reis analisam a ocorrência dos festejos em honra ao santo negro e a Nossa Senhora do Perpétuo Socorro na capital do estado. Os autores se debruçam sobre as relações entre celebrações de caráter popular – caso de São Benedito – e festejos que possuem caráter de maior oficialidade, dado o reconhecimento e fomento pela Igreja Católica, como a celebração em homenagem a Nossa Senhora do Perpétuo Socorro. Destacam, para tanto, a relação entre um catolicismo oficial e manifestações do catolicismo popular, identificando uma espécie de tensão entre ambos os fenômenos.

Três textos discutem a presença dos evangélicos na região Norte. “A origem e a expansão da Igreja Nova Aliança em Imperatriz”, de Agnaldo Silva, Washington de Araújo e Silva Bezaliel Alves Oliveira Junior analisa uma denominação evangélica fundada em 2005, que representa um novo tipo de pentecostalismo que vem fazendo frente às igrejas pentecostais mais tradicionais da cidade de Imperatriz, no Maranhão.

Uma das conclusões do estudo é que a expansão da Igreja Nova Aliança é fruto de suas específicas e eficientes estratégias e métodos de arregimentação de fiéis, nomeadamente: a apropriação de alguns valores da sociedade “pós-moderna”, a utilização do modelo de evangelização em células, uma estrutura mais flexível de culto (com muito louvor e adoração)

e um discurso e liturgia renovados e adaptado às demandas dos indivíduos que buscam novas alternativas de fé e espiritualidade.

No contexto das conhecidas divisões organizacionais, motivadas mais por aspectos políticos do que religiosos, entre os diferentes grupos que compõem a hegemônica Assembleia de Deus no Brasil, Alef Monteiro aborda um caso específico na Amazônia: a principal cisão entre a Convenção Centenária da Igreja-Mãe das Assembleias de Deus no Brasil (CIMADB), – criada em 1911, e a Convenção Interestadual de Ministros e Igrejas Evangélicas Assembleias de Deus no Estado do Pará (COMIEADEPA) – criada em 1921.

O artigo que tem como título “‘Eles são filhos da Mãe, nós somos do Pai’: apontamentos sobre o jogo identitário entre assembleianos de duas convenções no estado do Pará”, parte tanto de um levantamento bibliográfico quanto de pesquisa de campo. Utilizando observação-participante e entrevistas com os membros das igrejas, o trabalho faz uma descrição do processo de construção identitária entre os assembleianos dessas duas convenções.

Com dados produzidos a partir de entrevistas com agentes do campo religioso em situação de liderança, Bezalíel alves Oliveira Junior e Wheriston Silva Neris analisam no artigo intitulado “As lógicas do engajamento político de lideranças pentecostais no contexto amazônico: pistas e aprendizados recentes de investigação” as relações entre esfera religiosa e política no contexto da Assembleia de Deus (IEADI) na cidade de Imperatriz, Estado do Maranhão. Os autores têm como centralidade na pesquisa a compreensão das lógicas individuais e condicionantes coletivos que concorrem para o ingresso de lideranças religiosas no cenário político maranhense.

O último artigo, por sua vez, trata de como a Barquinha, um culto da “linha ayahuasqueiras” pode ser tomado como típica do *ethos* acreano, dada tanto a sua formação sincrética – já que nela estão “a matriz negra, ameríndia e europeia, envolvendo, principalmente, elementos da umbanda, candomblé, tambor de mina, pajelança amazônica, o uso da ayahuasca, catolicismo popular, kardecismo e esoterismo(s)” – quanto a sua capacidade histórica de acolher “aos estrangeiros e sua habilidade em incorporar e recombinar aspectos dos mais diversos elementos culturais”. O texto de autoria de Ricardo Assarice dos Santos e Douglas Flores é intitulado “Hibridismo cultural acreano: uma reflexão histórica e conceitual sobre a religião da Barquinha” e recorre às categorias de “teias simbólicas e de significados” e “hibridismo” para apresentar a história de Daniel Pereira de Mattos e a criação de sua linha

ayahuasqueira, a Barquinha, como fruto de um fértil solo cultural que permite um rico processo de apropriações simbólicas e rituais.

No conjunto, os textos ora publicados, escritos em sua maioria por jovens pesquisadores, também sugerem uma renovação de temáticas e um vínculo estreito entre a realidade social dessas religiões e os estudiosos que a ela têm se dedicado. Isso nos permite caracterizar esse debate como algo ainda “em aberto”, que recebe aqui algumas contribuições, mas no qual novas questões não cessam de surgir. Desejamos aos leitores uma apreciação rica e sugestiva do dossiê e convidamos pesquisadores/as interessados/as na Amazônia a levar adiante a tarefa de compreender sempre melhor essa parte instigante de nosso país.

REFERÊNCIAS

ALVES, Isidoro. *O carnaval devoto*. Um estudo sobre a festa de Nazaré, em Belém. Petrópolis: Vozes, 1980.

ARAÚJO, André Vidal. *Introdução à sociologia da Amazônia*. 2º ed. Manaus: Valer, EDUA, 2003.

AZEVEDO, Thales de. *O Catolicismo no Brasil*. Um campo para pesquisa social. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1955. (Cadernos de Cultura, 87).

BASTIAN, Jean-Pierre. *La mutación religiosa de América Latina*. Para una sociología del cambio social en la modernidad periférica. México: Fondo de Cultura Económica, 1997.

BAUMAN, Zygmunt. *Identidade*. Entrevista a Benedetto Vecchi. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

BENCHIMOL, Samuel. *Amazônia – Formação Social e Cultural*. 3º ed. Manaus: Valer, 2009.

BIANCHEZZI, Clarice; SILVEIRA, Diego Omar. Demografia, cartografia e história das religiões em Parintins: novas possibilidades para o estudo da diversidade religiosa na Amazônia. In: BIANCHEZZI, Clarice; SILVEIRA, Diego Omar (et. al.) (org.). *Pensar, fazer, ensinar: desafios para o ofício do historiador no Amazonas*. Manaus: Valer: UEA Edições, 2015.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Os deuses do povo: um estudo sobre religião popular*. São Paulo: Brasiliense, 1980.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Crença e identidade, campo religioso e mudança social. In: SANCHIS, Pierre (org.). *Catolicismo: Unidade religiosa e pluralismo cultural*. São Paulo: Loyola, 1992. pp. 07-74.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Fronteiras da fé – alguns sistemas de sentido, crenças e religiões no Brasil de hoje. In: *Revista Estudos Avançados. Dossiê As Religiões no Brasil*. São Paulo: USP/ IEA, v. 18, n. 52, 2004. pp. 261-288.

CAMARGO, Cândido Procópio Ferreira de. *Católicos, Protestantes, Espíritas*. Petrópolis: Vozes, 1973.

CERQUA, Dom Arcângelo. *Clarões de Fé no Médio Amazonas*. Parintins: Prelazia de Parintins, 1980.

COSTA, Evandro R. Alvez. *Dinâmica populacional e Igreja Católica no Brasil (1960-2000)*. Rio de Janeiro: CERIS, 2002. (Coleção Cadernos CERIS, ano II, n. 03).

CUPERTINO, Fausto. *As muitas religiões dos brasileiros*. 4º ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.

GALVÃO, Eduardo. Vida religiosa do caboclo da Amazônia. *Boletim do Museu Nacional*. Rio de Janeiro: Museu Nacional, n. 15, 1953.

GALVÃO, Eduardo. *Santos e visagens: um estudo sobre a vida religiosa de Itá, Baixo Amazonas*. 2º ed. São Paulo: Editora Nacional; Brasília: INL, 1976.

GLORIA, Cristian Sicsú da. Devoções em marcha no Círio de Nazaré. In: *Wamon - Revista dos alunos do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Amazonas*. Manaus: UFAM, [207-214](#).

HERVIEU-LÉGER, Danièle. *O Peregrino e o Convertido: a religião em movimento*. Tradução de João Batista Kreuch. Petrópolis: Vozes, 2008.

HOORNAERT, Eduardo (org.). *História da Igreja na Amazônia*. Petrópolis: Vozes: CEHILA-Brasil, 1990.

JACOB, César Romero (et. al.). *Atlas da filiação religiosa e indicadores sociais no Brasil*. Brasília: CNBB; São Paulo: Loyola; Rio de Janeiro: PUC-RJ, 2003.

JACOB, César Romero (et. al.). *Religião e sociedade em capitais brasileiras*. Brasília: CNBB; São Paulo: Loyola; Rio de Janeiro: PUC-RJ, 2006.

JACOB, César Romero (et. al.). *Religião e território no Brasil: 1991/2010*. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2013.

MALLIMACI, Fortunato (editor). *Religión y política*. Perspectivas desde América Latina y Europa. Buenos Aires: Editorial Biblos, 2008.

MARIZ, Cecília Loreto. Catolicismo no Brasil contemporâneo: reavivamento e diversidade. In: MENEZES, Renata; TEIXEIRA, Faustino (org.). *As religiões do Brasil*. Continuidades e rupturas. Petrópolis: Vozes, 2006. pp. 53-68.

MAÚES, Raymundo Heraldo. *Uma outra “invenção” da Amazônia*. Belém CEJUP: 1999.

MAÚES, Raymundo Heraldo; VILLACORTA, Gisela Macambira. *Pajelanças e Religiões Africanas na Amazônia*. Belém: EDUFPA, 2008).

MENEZES, Renata; TEIXEIRA, Faustino (org.). *Catolicismo Plural*. Dinâmicas contemporâneas. Petrópolis: Vozes, 2009.

MENEZES, Renata; TEIXEIRA, Faustino (org.). *Religiões em movimento: o Censo de 2010*. Petrópolis: Vozes, 2013.

MONTES, Maria Lucia. *As figuras do Sagrado*. Entre o público e o privado na religiosidade brasileira. São Paulo: Claro Enigma, 2012.

NERI, Marcelo Côrtes. *Novo mapa das religiões*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2011.

PIERUCCI, Antonio Flávio. Bye, Bye Brasil – o declínio das religiões tradicionais no Censo 2000. In: *Revista Estudos Avançados. Dossiê As Religiões no Brasil*. São Paulo: USP/ IEA, v. 18, n. 52, 2004. pp. 17-28.

PIERUCCI, Antonio Flávio. Cadê nossa Diversidade Religiosa?. In: MENEZES, Renata; TEIXEIRA, Faustino (org.). *As religiões do Brasil*. Continuidades e rupturas. Petrópolis: Vozes, 2006. pp. 49-51.

PIERUCCI, Antonio Flávio. Religiões do Brasil. In: BOTELHO, André; SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Cidadania, um projeto em construção: minorias, justiça e direito*. São Paulo: Claro Enigma, 2012. pp. 60-69.

PLANS, Josep Iborra. *Amazônia, a Igreja diante da devastação ambiental*. São Paulo: Ave Maria, 2007.

RIBEIRO, Berta. *Amazônia urgente*. Rio de Janeiro: Fundação Darcy Ribeiro, 2013.

RODRIGUES, Donizete; MORAES JÚNIOR, Manoel R. A Pentecostalização de Povos Tradicionais na Amazônia: aspectos conceituais para uma antropologia de identidades religiosas. In: *Horizonte: Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião*. Belo Horizonte: PUC-Minas, v. 16, n. 50, 2018. pp. 900-918.

SANCHIS, Pierre. O campo religiosos será ainda hoje o campo das religiões?. In: BEOZZO, José Oscar (org.). *História da Igreja na América Latina e no Caribe (1945-1995)*. O debate metodológico. Petrópolis: Vozes, 1995. pp. 81-131.

SILVEIRA, Diego Omar da. Experiências de regionalização da ABHR: bons ares vêm do Norte. In: *Plura. Revista de Estudos da Religião*. Juiz de Fora: ABHR, v. 10, n. 02, 2019a. pp. 102-118.

SILVEIRA, Diego Omar da. História, antropologia e sociologia na compreensão das dinâmicas sociorreligiosas contemporâneas no médio-baixo Amazonas. In: *Revista Tempo Amazônico*. Macapá: ANPUH-AP, v. 06, n. 02, jul.-dez. de 2019b. pp. 53-70.

SILVEIRA, Diego Omar da. Sempre o desafio da laicidade: uma leitura do PARFOR em Ciências da Religião na Universidade do Estado do Amazonas. In: SOUZA, Luciane Lopes de; SILVEIRA, Diego Omar (et. al.) (org.). *PARFOR UEA: 10 anos formando professores no estado do Amazonas*. Curitiba: Editora CRV, 2020a. Vol. 01. pp. 52-66.

SILVEIRA, Diego Omar da. Religiões e contra-hegemonia no médio-baixo Amazonas: olhar, reconhecer e atuar em prol da diversidade. In: SILVEIRA, Diego Omar da; BIANCHEZZI, Clarice; REIS, Marcos V. de F.; TENÓRIO, Adriano M. (org.). *Religiões e lutas contra-hegemônicas na Amazônia*. Manaus: Editora UEA, 2020b. pp. 136-158.

SILVEIRA, Diego Omar da. A festa e suas reinvenções discursivas entre pentecostais: olhares a partir do Amazonas. In: RODRIGUES, Donizete; MORAES JR, Manoel Ribeiro de; BARRERA, Paulo (org.). *Evangélicos e Pentecostais além de suas fronteiras na América Latina*. Belém: Editora da UEPA, 2020c. p. 117-144.

SILVEIRA, Diego Omar da. NAKANOME, Ericky; COELHO, Pedro. O Boi, a Santa e a fé: etnografias visuais do catolicismo em Parintins. In: *Equatorial – Revista do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social*. Natal: UFRN, v. 8, n. 15, 2021. pp. 01-16.

TEIXEIRA, Faustino. Faces do catolicismo brasileiro contemporâneo. In: *Revista USP*. São Paulo: USP, n. 67, setembro/ novembro de 2005. pp. 14-23.

VINCENT, Gerard. Os católicos: o imaginário e o pecado. In: PROST, Antoine; VINCENT, Gerard (org.). *História da Vida Privada 5: da Primeira Guerra aos nossos dias*. Tradução de Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. pp. 393-426.

WAGLEY, Charles. *Uma comunidade amazônica*. Estudo do homem nos trópicos. Tradução de Clotilde da Silva Costa. São Paulo: Companhia Editora Nacional: INL, 1977